

Terra Brasilis

Terra Brasilis (Nova Série)

Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

1 | 2000
Geografia: Disciplina Escolar

O Compendio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brasil

Manoel Fernandes de Sousa Neto



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabilis/283>

DOI: 10.4000/terrabilis.283

ISSN: 2316-7793

Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Edição impressa

Data de publicação: 1 Janeiro 2000

ISSN: 1519-1265

Refêrencia eletrónica

Manoel Fernandes de Sousa Neto, « *O Compendio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brasil* », *Terra Brasilis* [Online], 1 | 2000, posto online no dia 05 novembro 2012, consultado o 30 abril 2019.

URL : <http://journals.openedition.org/terrabilis/283> ; DOI : 10.4000/terrabilis.283

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

O Compendio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brasil

Manoel Fernandes de Sousa Neto

- 1 Este artigo é, na integra, resultado de um trabalho maior realizado como dissertação de mestrado que tratou de um personagem do século XIX, no caso Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, mais conhecido como Senador Pompeu. Este geógrafo dos oitocentos, que viveu entre os anos de 1818 e 1877, foi uma destacada figura do Segundo Império e teve seu trabalho intelectual fortemente vinculado à sua ação política na província do Ceará e ao contexto nacional daquela monarquia cercada de república por todos os lados.

Um Compendio de cinco edições

- 2 O *Compendio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brasil* surgiu como uma preocupação, de início, restrita às atividades letivas que eram desenvolvidas por Pompeu. *Lente* de Geografia do Liceu do Ceará desde o começo do funcionamento deste instituto de ensino, em 1845, Pompeu, na ausência de um manual que pudesse lhe servir para o exercício de suas lições, resolveu organizar suas notas de aula de modo que as pôde publicar, em 1851, sob o título de *Elementos de Geographia*. Este livro, que mais tarde tornar-se-á um compêndio utilizado para a educação dos poucos letrados de quase todo o Império, foi em sua gênese um *livrinho* de 284 páginas, que o autor *offereceu á mocidade cearense*.
- 3 Deste modo, o *Compendio ...*, surgido em 1856, na realidade é uma continuação deste primeiro livro, o que por vezes acaba confundindo o pesquisador da obra, posto que a primeira edição nomeada com o título de *Compendio de Geographia*, já aparece como uma segunda edição, só que neste caso revista e *consideravelmente augmentada*, contando agora com 536 páginas e, mais que isso, com um *fac-símile* da aprovação do IHGB que, em Sessão de 1º de julho de 1853, referendou o “*Parecer do Exm Conselheiro João Duarte Lisboa Serra*

presidente do Banco do Brazil, deputado geral, e membro efectivo do Instituto Histórico-Geografico do Brazil” (BRASIL, 1856:VI), que principiava com as seguintes palavras:

Li o opusculo do Sr. Thomaz Pompeo de Souza Brazil, presbytero secular e bacharel formado em sciencias sociaes, e juridicas, ex lente de Theologia no Seminario d’Olinda, membro honorario do Instituto de Advogados de Pernambuco, e professor de Geografia e Historia no Lycêo do Ceará, por elle modestamente intitulado - Elementos de Geographia -, (BRASIL, 1856: VI)

4 Esta edição de 1856 foi feita no Ceará pela Typographia de Paiva e Cia e já trazia, em sua folha de rosto, a informação de que era “adoptado no Collegio Pedro II, nos Lycêos e Seminarios do Imperio”, o que indica, de certa forma, a abrangência de sua utilização e a importância da obra no âmbito do sistema regular de ensino, bem como o interesse do autor em divulgá-la, adicionada que está na apresentação do livro a aceitação do mesmo por seus pares *autorizados pela sciencia* do IHGB.

5 O IHGB, fundado em 1838 e com funcionamento iniciado em 1839, reunia apenas a elite ilustrada e aqueles que podiam efetivamente *doar bens* ao Instituto para fazer parte do seletto grupo de “guardiões da história oficial”. Assim, havia os sócios que pagavam sua entrada e aqueles que, de algum modo, tinham sua entrada paga, podendo-se dizer de outra maneira que, aquele grupo que começou com apenas dezessete, não era somente de intelectuais. A unidade que soldava os homens daquela associação se materializava nos louros e nos lucros que a mesma auferia, *coincidentemente* a maioria deles fazia parte do seletto grupo de deputados, senadores e ministros do Império.¹

Criado logo após a independência política do país, o estabelecimento carioca cumpria o papel que lhe fora reservado, assim como aos demais institutos históricos: construir uma história da nação, recriar um passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos. Exemplos longínquos dos centros do Velho Mundo, no Brasil, os institutos se propõem a cumprir uma tarefa monumental: ‘colligir, methodizar e guardar’ (RIHGB, 1839/I) documentos, fatos e nomes para finalmente compor uma história nacional para este vasto país, carente de delimitações não só territoriais. (SCHWARCZ, 1993:99)

6 Além de sua aprovação pelo IHGB, a obra foi aprovada para uso do Colégio Pedro II, pelo seu Conselho Diretor e, é claro, chancelado pelo governo, todavia, sua utilização dar-se-ia apenas na parte referente a Brasil.²

Varios compendios têm sido publicados pelos professores do Colegio: retorica pelo Dr. Francisco de Paula Meneses; historia moderna pelo barão de Tautpheun (professor de grego); e de historia e geografia antiga e media pelo bacharel João Antonio Gonçalves da Silva. Além destes publicaram-se, no último ano, diversas obras que foram admitidas pelo Conselho Diretor e aprovadas pelo governo para uso do Colegio: Epitome da historia sacra, do Dr. Antonio de Castro Lopes, obra enriquecida de um dicionario traduzido do latim para o portuguez, com algumas correções e que foi premiada pelo governo; o novo sistema para estudar a lingua latina pelo referido doutor; a gramatica portuguesa, de Cirilo Dilermando; o compendio de aritimética do major Ávila; o de geografia pelo padre **Tomaz Pompeo de Sousa Brasil**³; o manual dos estudantes de latim por Antonio Alvares Pereira Coruja. (MOACYR, 3ª v, 1938:39/40)

7 Uma das peculiaridades mais interessantes das duas primeiras edições, é que elas se apoiam sobre um método, conhecido à época como dialogístico. O método dialogístico consistia em propor que os conceitos fossem vistos mediante a relação entre o *mestre* - que dominava o conhecimento, e o *discípulo* - que deveria aprender, passo a passo, as verdades que o sábio mestre tinha a ensinar.

MESTRE - De que se compoem a parte fisica da terra?

DISCIPULO - De corpos solidos como a terra firme; liquidos como as agoas; e fluidos como os vapores, que formão a atmosphaera.

Como está dividida a superficie da terra, e em que proporção?

Em solida, e liquida: solida a que consta de terra firme; e liquida a que é occupada pelas agoas: a parte liquida, que consta dos mares, lagos e rios occupa tres quartas partes da superficie do mundo, e a terra firme uma quarta parte. (POMPEO (sic), 1856:55-56, apud ROCHA, 1995:143)

- 8 Sobre a utilização deste método, um amigo pessoal do autor e figura ilustre entre os intelectuais do Império, Joaquim Manuel de Macedo então Secretário do IHGB, fará em seu relato na Sessão Pública do dia 15 de dezembro de 1853 a seguinte observação:

“O Sr. Dr. Pompeo adoptou no seu Compendio de Geographia o methodo dialogistico, que se por ventura não tem o merito da originalidade, recomenda-se ao menos pelos resultados obtidos,...” (BRASIL, 1856:VIII).

- 9 O método dialogístico era também conhecido como o método do Abade Gaultier:

“A primeira edição do Abade Gaultier apareceu no Brasil em 1838. Desde então, por mais de quarenta anos reeditou-se e ampliou-se a obra. O método, de origem jesuítica, consistia em distribuir o conteúdo sob a forma de um diálogo, entre o mestre e o discípulo.” (ISLER, 1973:76)

- 10 Deste modo, quando Pompeu lança a terceira edição de seu *Compendio...*, em 1859, muitas são as alterações que ele adiciona à obra, dentre elas o fim do método dialogístico.

“Atendendo ao conselho de algumas pessoas illustradas, mudei a forma dialogistica, que havia adoptado nas duas primeiras edicções, que com quanto se prestasse mais facilmente á didactica, era menos elegante, e não dava lugar ao desenvolvimento de outros assuntos.” (BRASIL, 1859:8)

- 11 Além disto, é na terceira edição que o *Compendio* assume seu título definitivo: *Compendio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brasil*; passa a ser impresso na cidade do Rio de Janeiro, sendo uma das razões o fato de a “segunda edição, ..., ter sahido muito defeituosa” (BRASIL, 1859:5). Ainda assim, na quarta edição Pompeu mudará de editor, deixará a Casa do Editor Domingos José Gomes Brandão pela Casa dos Editores Eduardo & Henrique Laemmert, com quem editará o *Compêndio...* até sua última edição, em 1869; e adiciona ao rol daqueles que pesquisou para realização de sua obra, além dos nomes de Malte-Brun, Giraldez, Gauthier, Balbi, Volney, Humboldt e Koster, os nomes de Ganot, Lecoq, Moureau de Jonés e Bouillet.

- 12 As mudanças mais significativas, todavia, ocorrem edição após edição, no concernente às partes que compõem a obra. Na segunda edição, a obra é ampliada de modo significativo e passa a ser composta por três seções: *Cosmografia, Geografia Fisica e Geografia Politica*⁴ (dividida em cinco partes, de acordo com o número de continentes, sendo a quarta parte a América, na qual se inclui o Brasil com suas respectivas províncias). Na terceira edição, o *Compêndio* mantém a mesma estrutura, mas deixa de adotar o método dialogístico. Na quarta edição, desaparecem todas as notas referentes a aprovação do IHGB à obra, de tal modo que passa a existir apenas o prefácio do autor, mas a modificação mais substantiva ocorre em relação à estrutura do livro, que continua tendo três seções, mas não mais as mesmas, senão vejamos os índices da segunda e quarta edição, que são, de certa forma, aquelas que revelam efetivamente as modificações mais substantivas ocorridas no livro:

Segunda Edição

Índice

Prologo da Segunda edição III

Approvação do Instituto VI
Relatorio do Secretario do Instituto VIII
Introducção da primeira XI
Noções Geometricas 4
Parte Primeira
Lição I - Cosmografia 6
Lição II - Dos Astros em geral 10
Lição III - Dos Planetas 15
Lição IV - Da Esphera 26
Lição V - Do Zodiaco e Estações 31
Lição VI - Da Terra 37
Lição VII - Das longitude e latitudes 40
Lição VIII - Das Zonas, sombras, climas 44
Lição IX - Da lua e fases 50
Parte Segunda
Lição X - Geographia Physica 53
Lição XI - Physica - parte liquida 63
Lição XII - Amospha e Meteorologia 71
Lição XIII - Geographia applicada 84
Lição XIV - Europa Physica 89
Lição XV - Europa Physica 93
Lição XVI - Azia Physica 98
Lição XVII - Azia Physica 104
Lição XVIII - Africa Physica 107
Lição XIX - Africa Physica 112
Lição XX - America Physica 113
Lição XXI - America Physica 120
Lição XXII - America Physica 125
Lição XXIII - Oceania Physica 132
Parte Terceira - Geographia Politica
Lição XXIV - Preliminares 139
Lição XXV - Preliminares 146
Lição XXVI - Preliminares 154
Lição XXVII - Europa Politica 157
Lição XVIII - Suecia e Norwega 163
Lição XXIX - Dinamarca 168
Lição XXX - Russia 171
Lição XXXI - Inglaterra 179
Lição XXXII - Prussia 188
Lição XXXIII - Hollanda e Belgica 193
Lição XXXIV - Allemanha 200
Lição XXXV - Austria 209
Lição XXXVI - Suissa 216

Lição XXXVII - França 220
Lição XXXVII - Portugal e Hespanha⁵ 227
Lição XXXVIII - Turquia 236
Lição XXXIX - Grecia e Ilhas Jonicas 244
Lição XL - Italia 248

Segunda Parte do Mundo

Lição XLI - Azia e sua divisão 261
Lição XLII - Siberia e Caucaso 268
Lição XLIII - China e Japão 270
Lição XLIV - Indostaã 277
Lição XLV - Turquia e Arabia 287
Lição XLVI - Persia e Tartaria 298
Lição XLVII - Belutchistan, Kabul 303

Terceira Parte do Mundo

Lição XXXLVIII - Africa e sua divisão 305
Lição XLIX - Egypto e Berberia 309
Lição XLX - Outros Estados da Africa 314

Quarta Parte do Mundo

Lição L - America 318
Lição LI - America Russa, Dinamarquesa e Inglesa 324
Lição LII - Estados Unidos 329
Lição LIII - Mexico 334
Lição LIV - Antilhas 338
Lição LV - Nova Granada, Venesuela, Equador 341
Lição LVI - Peru e Bolivia 343
Lição LVII - Chile, Paraguay e Uruguay 353
Lição LVIII - Confederação Argentina, Guayna e Patagonia 357
Lição LIX - Brasil - Descoberta, limites e extensão, Serras, 362
Cabos e Portos.
Lição LX - Brasil - ilhas, lagos e rios 367
Lição LXI - Brasil - Affluentes, clima 373
Lição LXII - Brasil - Produções naturaes 375
Lição LXIII - Brasil - População e Industria 384
Lição LXIV - Brasil - Força Publica 388
Lição LXV - Brasil - Religião, Governo e sua divisão eclesiastica 391
Lição LX - Brasil - Divisão Civil, judiciaria e administrativa 397
do Império do Brasil.
Lição LXV - Provincia do Amasonas 399
Lição LXVI - Provincia do Para 403
Lição LXII - Provincia do Maranhão 410
Lição LXVII - Provincia do Piauhy 416
Lição LXIX - Provincia do Ceará 421

Lição LXIX - Provincia do Rio Grande do Norte 431
Lição LXXX - Provincia da Parahiba 436
Lição LXXXI - Provincia de Pernambuco 441
Lição LXXXII - Provincia de Allagoas 449
Lição LXXXIII - Provincia de Sergipe 454
Lição LXXXVI - Provincia da Bahia 458
Lição LXXXVII - Provincia do Espirito Santo 468
Lição LXXXVIII - Provincia do Rio de Janeiro 472
Lição LXXXIX - Corte do Rio 477
Lição XC - Provincia de São Paulo 483
Lição XCI - Provincia do Parana 490
Lição XCII - Provincia de Santa Catharina 494
Lição XCIII - Provincia do Rio Grande do Sul 497
Lição XCIV - Provincia de Minas Geraes 502
Lição XCV - Provincia de Goiaz 509
Lição XCVI - Provincia de Mato Grosso 512

Quinta Parte ou Oceania

Lição XCVII - Estado Social da Oceania 515

QUARTA EDIÇÃO

INDICE DAS MATERIAS CONTIDAS NESTE COMPENDIO

Prefacio á quarta edicção V

PARTE PRIMEIRA

Principio Geraes

Capítulo I Preliminares 1

Capítulo II Cosmographia e definições geraes 2

Capítulo III Principios geraes de geographia astronomica 7

Capitulo IV Astros errantes. Planetas e Cometas 12

Capítulo V Systema solar, movimento diurno e annual 23

da terra e das estações

Capítulo VI Da esphera, circulo, linhas e pontos 28

Capitulo VII Zodiaco, precessão do equinocios e posição 33

da esphera

Capitulo VIII Da terra, sua figura e dimensões 35

Capitulo IX Das longitudes e latitudes 37

Capitulo X Dos habitantes da terra em relação ás suas zonas e 39
sombas; aos seus climas e a longitude e latitude

Capitulo XI Da lua, suas phases e eclipses 43

Principios Geraes da Descripção Physica

Capitulo XII Descrição physica da terra 48
Capitulo XIII Parte liquida do globo 54
Capitulo XIV Atmospha e meteorologia 59
Capitulo XV O grande continente, divisão do mundo 71
e os oceanos
Capitulo XVI Da sociedade civil, fórmãs de governo, leis 74
e industria
Capitulo XVII Da religião e dos diversos cultos do mundo 79
Capitulo XVIII Das raças, linguas, e população do mundo 83

PARTE SEGUNDA

GEOGRAPHIA DESCRIPTIVA

I - EUROPA - GEOGRAPHIA GERAL

Capitulo I Descrição physica 87
Capitulo II Descrição politica 96

Geographia Particular

Capitulo I Da Europa Septentrional e oriental - Russia 102
Capitulo II Da Europa Septentrional - Reino Noruego-Sueco 109
Capitulo III Da Europa Septentrional - Da Dinamarca 113
Capitulo IV Da Europa Septentrional - Inglaterra 116
Capitulo V Da Europa Central - Prussia 123
Capitulo VI Da Europa Central - Holanda 127
Capitulo VII Da Europa Central - Belgica 131
Capitulo VIII Da Europa Central - Allemanha ou Confederação 134
Germanica
Capitulo IX Europa Central - Austria 140
Capitulo X Europa Central - Suissa ou Confederação 145
Helvetica
Capitulo XI Europa Central - França 148
Capitulo XII Europa Meridional - Hespanha 153
Capitulo XIII Europa Meridional - Portugal 158
Capitulo XIV Europa Meridional - Italia 161
Capitulo XV Europa Meridional - Estados Italianos 166
Capitulo XVI Europa Oriental - Grecia e Ilhas Jonicas 173
Capitulo XVII Europa Oriental - Turquia e Principados 177
Danubianos
Quadro Estatístico do Estado Soberanos da Europa 185

II - ASIA - GEOGRAPHIA GERAL

Capitulo I Descrição Physica 187
Capitulo II Descrição Politica 194

Geographia Particular

Capitulo I Da Asia Septentrional e Meridional - Russia 201

Asiatica (Siberia e Caucaso)

Capitulo II Da Asia Occidental - Turquia Asiatica 203

Capitulo III Da Asia Ocidental - Arabia 211

Capitulo IV Da Asia Meridional - Persia, Kaboul, 212

Belout-chiston e Herat

Capitulo V Da Asia Meridional - Indostao e Indo-China 216

Capitulo VI Da Asia Oriental - Divisão Politica das Indias 220

I - India independente 220

II- India Colonial ou Estado Europeus 221

III - India-China ou além do Ganges 224

Capitulo VII Da Asia Oriental - China e paizes sujeitos 225

Capitulo VIII - Da Asia Oriental - Japão 230

Capitulo IX - Da Asia Central - Tartaria ou Turquestam 232
independente

III - AFRICA - GEOGRAPHIA GERAL

Capitulo I Descrição Physica 235

Capitulo II Descrição Politica 241

Geographia Particular

Capitulo I Da região do Nilo - I. Abyxinia (Ethiopia 246
dos Anyigos); II. Paiz do Bahr-el-Abiad;

III. Nubia; IV. Egypto

Capitulo II Da região de Magheb, Marrocos, Argel, 253

Tripoli e Tunis

Capitulo III Da região austral e oriental 257

Capitulo IV Região da Negricia e Africa Colonial 260

IV - AMERICA - GEOGRAPHIA GERAL

Capitulo I Descrição physica 271

Capitulo II Descrição politica 285

Quadro Estatistico dos Estados e possessões da América 290

Geographia Particular

Capitulo I Da America Septentrional - America Russa, 292
dinamarqueza e inglesa

Capitulo II Da America Septentrional - Estados Unidos 297

Capitulo III Da America Septentrional - Mexico 304

Capitulo IV Da America Septentrional - America Central ou 308
as cinco Republicas

Capitulo V Das Antilhas e Guyanas - Hayti, Cuba, Porto Rico, 310

Jamaica e Martinica

Capitulo VI Da America Meridional - Columbia ou as 316

Republicas de Nova Granada, Equador,
Venezuela e Panama

Capitulo VII Da America Meridional - Peru e Bolivia 321

Capitulo VIII Da America Meridional - Paraguay, 326

La Plata e Uruguay

Capitulo IX Da America Meridional - Chile e America Indigena 333

V - OCEANIA - GEOGRAFIA GERAL

Capitulo I Descripção physica 337

Capitulo II Descripção politica 340

PARTE TERCEIRA

IMPERIO DO BRASIL

AMERICA MERIDIONAL

Capitulo I Fundação, posição, dimensões, limites, clima e 345
salubridade

Capitulo II Serras, cabos, ilhas, portos e lagos 348

Capitulo III Rios e affluentes 351

Capitulo IV Produções naturaes, mineralogia, phictologia 357
e zoologia

Capitulo V Industria agricola, manufatora e commercial 361

Capitulo VI Governo, organização politica, população e 365
religião

Capitulo VII Organização administrativa, finanças, forças, 369
correio e instrucção publica

Capitulo VIII Divisão eclesiatica, judiciaria e civil 374

Quadro das Provincias com sua superficie e população 377

Capitulo IX Provincia do Amazonas 378

Capitulo X Provincia do Para 382

Capitulo XI Provincia do Maranhão 389

Capitulo XII Provincia do Piauhy 397

Capitulo XIII Provincia do Ceara 403

Capitulo XIV Provincia do Rio Grande do Norte 412

Capitulo XV Provincia Parahyba 417

Capitulo XVI Provincia de Pernambuco 422

Capitulo XVII Provincia de Alagôas 435

Capitulo XVIII Provincia de Sergipe 440

Capitulo XIX Provincia da Bahia 446

Capitulo XX Provincia do Espirito Santo 456

Capitulo XXI Provincia do Rio de Janeiro 461

Capitulo XXII Municipio da Côrte 472

Capitulo XXIII Provincia de São Paulo 476
 Capitulo XXIV Provincia do Parana 483
 Capitulo XXV Provincia de Santa Catharina 488
 Capitulo XXVI Provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul 493
 Capitulo XVII Provincia de Minas Geraes 500
 Capitulo XVIII Provincia de Goyaz 509
 Capitulo XXIX Provincia de Matto-Grosso 515

- 13 O que se percebe, então, comparando os índices, é a mudança na estrutura: 1) não mais por lições, mas agora por capítulos; 2) passando a ter um preâmbulo que dividia a Geografia em Geral e Particular, e dentro desta divisão continuava a descrever *physica e politicamente*: continentes, países e províncias, como nas edições anteriores; 3) com o Brasil passando a ter um trato isolado e finalizador, e não envolto na parte referente à América, como acontecera até a terceira edição.
- 14 Uma das coisas mais interessantes na obra são os *títulos* de Pompeu, que aparecem edição após edição, na folha de rosto do livro. Deste modo, na terceira edição, de 1859, que é aquela que apresenta a maior quantidade de titulações, aparece a seguinte lista de títulos:
- Bacharel formado em sciencias sociaes e juridicas pela Academia de Olinda, Vigario Geral foraneo da Provincia do Ceará, Professor de Geographia no Lyceo da mesma Provincia, socio correspondente do Instituto Historico e Geographico do Brasil, da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, da Sociedade Amante da Instrucção da Côrte, socio honorario da Sociedade Philomatica da Côrte, do Atheneo Paulistano, do Instituto de Advogados de Pernambuco, do Instituto litterario, e da Associação Typographica do Maranhão.
- 15 Enquanto isso, na quinta e última edição do *Compendio*, em 1869, aparece a menor lista de títulos, todavia a que mais o qualifica no tocante ao reconhecimento *científico* institucional da época:
- Sócio do Instituto Historico e Geographico do Brasil, da Sociedade Geographica de Paris, etc, etc...
- 16 A redução curricular demonstra a importância do autor, que agora já não necessita mais elencar sua participação na Sociedade Amante da Instrucção da Côrte porque faz parte da primeira sociedade geográfica fundada no mundo, a Sociedade Geographica de Paris, de 1821⁶, e isto basta para revelar suas qualidades intelectuais.
- 17 Em todas as edições, cinco ao todo: 1851, 1856, 1859, 1864 e 1869; o *Compendio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brasil* faz um *offerecimento*, coisa comum aos homens do clube imperial, ao *Defensor Perpétuo do Império: O Imperador D. Pedro II*.

Originalidade, cópia ou tradição?

- 18 O historiador José Honório Rodrigues afirma, na apresentação do seu Índice Anotado da Revista do Instituto do Ceará, que Pompeu “foi um precursor dos estudos demográficos, ecológicos e estatísticos no Brasil. Se sua obra geográfica, a única da época, nada acrescenta à de Aires de Casal, suas pesquisas sobre a população e sobre o clima e as secas cearenses avultam pela seriedade, segurança e originalidade.” (RODRIGUES, 1959:19/20). O que José Honório considera como geográfico, no caso, é o *Compendio...*, a única das obras de Pompeu que efetivamente trazia no título a nomenclatura da disciplina.

- 19 Por sua vez, um amigo íntimo que costumava pedir atas e gabriolas⁷ a Pompeu, o famoso Joaquim Manuel de Macedo - Secretário (1852-1856) e Orador Efetivo (1857-1881) do IHGB, romancista, geógrafo e historiador -, em 1873 “afirmava de Aires de Casal, no prólogo às suas Noções de Corografia que era o ‘mestre e o guia de quantos tem escrito depois dele’.” (PRADO JR, 1980:176/7)
- 20 O autor de *A Moreninha* conhecia bem o Compendio do amigo, tendo chegado, inclusive, a fazer um relato do manual didático na Sessão Pública de 15 de dezembro de 1853 do IHGB. O que nos leva a crer, segundo as declarações de 1873, que também o Compendio seguia as orientações da Corografia do mestre Casal.
- 21 Bernardo Isler, em seu trabalho seminal sobre o ensino de geografia no Brasil, falará do “compêndio didático mais difundido no Império Brasileiro” (ISLER, 1973:42) como um livro que “oferece disparates”, tais como:
 pag 93 - ‘Todos os rios da Europa despejam nos mares que a banhão...’
 pag 104 - ‘A Rússia hoje é uma grande, civilizada e poderosa nação que ...’ (BRASIL apud ISLER, 1973:42)
- 22 Isler dirá ainda que o manual didático se contradiz quando, por exemplo, em outro momento, Pompeu passa a afirmar que “*a Rússia é um dos países mais atrasados em civilização na Europa...*” (BRASIL apud ISLER, 1973:42), mas sua crítica é demolidora quando, após algumas referências do tipo: “*Imperio da China - Carater físico e moral, civilização - são pequenos, amarelos, cabeça de forma conica e figura triangular e geralmente feios ;...*” (BRASIL apud ISLER, 1973:43), diz que isto
 É o retorno à literatura fantástica medieval, com o sabor das aventuras de Marco Polo. O autor de imaginação fértil e desinibida, estava oferecendo como Geografia, um produto que, já em sua época, era inaceitável: os exageros e disparates apresentados na obra não são encontrados nem mesmo nos mais exagerados cronistas de alguns séculos antes. (ISLER, 1973:43)
- 23 Já na parte do *Compendio* referente ao Brasil, que era a parte efetivamente utilizada no Colégio Pedro II, Isler fará a mesma observação que vimos até então, ou seja, a de que Pompeu seguira fielmente, “com algumas alterações”, o mesmo conteúdo e estrutura do *Corografia Brasílica*.
- 24 Em estudo recente, 1996, sobre a *Trajatória da Disciplina de Geografia no Currículo Escolar Brasileiro (1837-1942)*, Genylton Rocha, seguindo o mesmo raciocínio de Isler, afirma, ao analisar o manual escolar de Pompeu:
 Diga-se de passagem que apesar de ser um compêndio de Geografia do Brasil, boa parte da obra se dedica aos estudos generalistas sobre diferentes países do globo. No que diz respeito a parte referente ao Brasil, o autor se baseia na obra de Aires de Casal, a *Corographia Brasílica*, limitando-se a transcrever informações nela contidas, realizando, entretanto, algumas leves modificações, ou eliminando dados que por conta da desatualização, não poderiam continuar sendo mantidos. Como na obra que lhe inspirou, este compêndio se prestou a veicular uma geografia meramente descritiva, sem preocupação nenhuma com a análise científica dos fenômenos abordados. (ROCHA, 1996:147)
- 25 O *Compendio*, olhado com os olhos do nosso tempo, pode ser visto como apenas uma cópia, em alguns casos como uma falácia fantasiosa baseada em fábula de lugares não visitados. Todavia, colocado na moldura do seu tempo, um manual escolar com funções definidas dentro de uma longa tradição, deve ser revisto como uma série de práticas dentro das quais o mesmo se inscreve.

- 26 O equívoco recorrente de conceber mudanças por rupturas drásticas, tem levado alguns pesquisadores a não compreender que práticas e concepções atuais foram forjadas no alto medievo. As mentalidades, e os valores que as mesmas engendram, não mudam da noite para o dia, por vezes se adaptam aos novos tempos como um produto do passado rearranjado para o presente.
- 27 *O Compendio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brasil* aparenta ser, à luz do nosso cotidiano, uma cópia. Todavia, àquela época, os documentos eram compilados e recompilados e a referência aos autores raramente aparecia.
- 28 A cópia, também era, dentro da tradição aristotélica da imitação, reposta pela teologia de Tomás de Aquino, uma arte. Representar com perfeição a realidade, e imitar com perfeição a imitação primeira, era prática corrente ainda durante o século XIX, principalmente entre aqueles ligados à Igreja Católica e seus dogmas, o que é o caso de Pompeu, que chegou, inclusive, a ser professor de teologia dogmática no Seminário de Olinda. Logo, copiar não era um pecado capital, posto que chegava a ser, para alguns, uma virtude.
- 29 Este fenômeno é perfeitamente exemplificável pela obra escrita por Aires de Casal. A *Corografia Brasílica* é considerada, em muitas de suas partes, uma cópia da cópia, como no caso dos textos referentes à *zoologia, na seção sobre os povos indígenas*.⁸ Caio Prado Jr., em seu estudo sobre a obra de Casal, revela que as fontes eram quase todas relatos encontrados na Biblioteca Real trazida de Portugal, com cerca de 60.000 volumes, a maioria deles escritos de viajantes como Gandavo ou de pessoas ligadas à administração, e que estas mesmas fontes eram dificilmente citadas, o que dificultou, por vezes, a descoberta dos escritos originais. “*Na parte geográfica é muito parco em notícias bibliográficas. Quase não cita suas fontes, e é difícil reconstitui-las.*” (PRADO JR., 1980: 172)
- 30 A *Corografia Brasílica* se inscreve, como **parte** do *Compêndio de Geographia* - apesar de uma separação de mais de cinco décadas entre as duas obras -, dentro de uma tradição que é da cópia de textos, às vezes, até anônimos, que eram reconhecidos como verdadeiros, ou escritos por pessoas que tinham dentro da *Boa Sociedade*, antecedentes honrados. A obra de Aires de Casal se inscreve, ela mesma, dentro desta prática da época.
- A nomenclatura, a simples enumeração, a descrição puramente formal e sem espírito crítico, a falta absoluta de um critério verdadeiramente científico, ...; tudo isto que constitui a característica essencial da *Corografia Brasílica*, continuará viciando os estudos de geografia no Brasil. Neste sentido, e graças a seu prestígio que ninguém ousaria contestar, o livro de Casal retardará consideravelmente a renovação, entre nós, dos métodos geográficos. Raros serão aqueles que se afastarão do modelo consagrado. (PRADO JR., 1980:177)
- 31 Um outro exemplo desta tradição é a obra de Adriano Balbi,⁹ *Tratado de Geographia Universal, Physica, Historica e Politica.*, que teve sua primeira edição em 1838. Pelo índice, podemos perceber que é praticamente o mesmo do *Compendio*, com algumas poucas modificações na parte de Brasil, que, por sua vez, é, em boa dose, uma imitação da obra de Aires de Casal, que era largamente copiada nos manuais de geografia feitos na Europa.¹⁰
- 32 O que há de originalidade, está nas transformações que a tradição vai sofrendo, de uma cópia para outra. Não há, de modo mecânico, uma quebra brusca, uma ruptura imediata. Tal fenômeno é perceptível na mudança gradativa que vão sofrendo as idéias. Adriano Balbi, que teve o seu modelo copiado por Pompeu, já copiara para sua obra o esquema da divisão política dos povos. Tal divisão considerava os povos como sendo *selvagens, bárbaros ou civilizados*, acompanhando uma tradição fundada no século XVII, herdada na transição

entre a baixa idade média e a ascensão da sociedade moderna e solidificada em algumas teorias da História do final do século XVIII e início do século XIX.. Por outro lado, a dupla tradição *corográfico-matemática*, expressa na divisão do *Compêndio nas suas três partes: astronômica, physica e política*, aparece explícita em quase todos os compêndios dos oitocentos e se estende, de certo modo, até os dias de hoje, mas se funda no trânsito histórico entre o medievo e a modernidade.

La posibilidad de una geografía general de las sociedades humanas empezó a vislumbrarse en el siglo XVII. En los manuales de geografía de esa centuria empezó a usarse la expresión geografía política o civil, que algunos autores, como por ejemplo Guillaume Sanson de Abbeville incluían dentro de la geografía histórica. En la segunda edición de su *Introduction à la Géographie* (1690) aparece ya una división tripartita de la geografía que los autores repetirían una y otra vez; geografía astronómica, “que explica la correspondencia del Globo Terrestre con la Esfera”; geografía natural, “que das las divisiones de todas las partes de la Tierra y el Agua”; y geografía histórica, “que considera la Tierra por los Estados Soberanos, por la extensión de las Religiones, por la extensión de las Principales Lenguas, por las diferentes Especies y Razas de Hombres, por sus Colores, y por la Forma exterior del Cuerpo”. Con algunas pequeñas variantes en la terminología (astronómica, física y política) ésta fue la división que se usaría ampliamente durante el siglo XVIII y que perduraría luego todavía largo tiempo em los manuales escolares.

En esta geografía política o civil se incluía muchas veces la descripción corográfica de países y regiones, con los rasgos principales de los diferentes pueblos. Pero otros autores la consideraron como una parte de la geografía general y se dedicaron en ellas a reflexiones - generalmente breves - sobre las razas y sus variedades, la población y su distribución, la adaptación a los diversos climas, la religión, las formas de gobierno, las características de los pueblos salvajes, bárbaros y civilizados, o los rasgos básicos de la actividad comercial. Éstos son, por ejemplo, los temas que aparecen en las *Lecciones de Geografía Astronómica, Natural y Política* (1804-1806), escrita por el gran geógrafo español Isidoro de Antillón. (CAPEL,1989:10/11)

- 33 Posto desta forma, o *Compendio* é uma continuidade da tradição no concernente ao modelo, o que há nele de novo não é apenas aquilo que aparece de noticioso, também, neste caso, uma cópia dos relatórios dos presidentes de província sobre as estatísticas das unidades administrativas do País. Pompeu cita suas fontes em muitas partes do *Compendio*, dando uma larga demonstração de ter ido até elas, como no caso em que discute os *volcões e terremotos*.

(4) Os volcões e terremotos são os dous phenomenos da natureza que mais assombrão o homem. Suas causas não são ainda demonstradas; os sabios tem cogitado varios systemas, que se fundão mais em hypotheses do que em realidade.

Humboldt, Beaumont, Lecoq e outros são da opinião que elles procedem do calor central, e gazes comprimidos no interior da terra.

Uma só causa, o augmento gradual do calor terrestre, desde a superficie até o centro nos explicará de uma vez a causa dos tremores de terra, dos levantamentos successivos dos continentes das cadêas de montanhas, das erupções volvenicas, e das formações das rochas, ou de metaes. (Cosmos, Tom. I, pag. 187).

Perguntar, diz em outra parte, o que arde nos volcões, o que gera o calor, funde os metaes e as rochas, e produz corrente de lava de grande espessura, cuja temperatura é ainda muito elevada, muitos anos depois da sahida da cratera, é prejudgar a questão.

A nova geognosia prefere procurar a causa no calor central do nosso globo, calor cuja existência se revela á superficie pela temperatura crescente rapidamente, com a profundidade debaixo de todas as latitudes, e cuja origem remonta a essas épocas cosmogonicas, em que nosso planeta foi formado por condensação progressiva de

uma parte da atmosphaera neblosa do sol. (Cosmos, Tom. I, pag. 187)
 Arago publicou em 1824 no Anuario do Bureau de long uma lista de volccoos ardentes no mundo que chegava a 163. O continuador de Malte-Brun em 1832 affirmava que existem sobre a terra 518 volcões activos ou sulfataros, sendo 14 na Europa, 100 na Asia, 31 na África, 207 na America, 171 na oceania. Girardin, em uma obra mais recente, publicou uma taboa de volcões do globo e dá 24 á Europa, 11 a Africa, 14 á America e 108 a Oceania. (Vide Lecoq, Géologie, p.271) (BRASIL, 1869: 57-58)

- 34 Voltando a Bernardo Isler, que chegou a dizer que “a parte relativa ao Brasil obedece ao trabalho de Aires de Casal, fonte onde o autor buscou seu conteúdo, tanto na distribuição dos títulos como na infomação oferecida. Sem resumir, Thomaz Pompeo limitou-se a transcrever, com leves alterações, os tópicos colhidos na Corografia, os que mais se adaptavam à sua obra.” (ISLER, 1973:43-44). Concordamos, em parte, posto que o modelo estava sendo adaptado para um manual escolar, ao mesmo tempo, que seguia uma tradição. Todavia, Pompeo não faz apenas cópia, chegando, inclusive, a corrigir equívocos de Aires de Casal, como aquele referente à situação geográfica da Província do Rio Grande do Norte em relação ao Rio de Janeiro.

Situação - Fica entre 4° 2' e 6° 15' de latitude meridional, e 5° 45' e 8° 15' de long. oriental do Rio de Janeiro (1)

 (1) Ayres de Casal dá 4° 10' e 5° e 40' de latitude, o que é visivelmente errado. (BRASIL, 1869:422)

- 35 A Geografia dos manuais escolares, produto dos relatórios dos homens que exerciam o poder, nos seus respectivos Estados-nacionais, era a Geografia destes limites territoriais. A compilação era, portanto, uma conduta universal, que transformava em documentos os dados fornecidos pelos viajantes, capitães-mores, presidentes de província ou membros das sociedades geográficas. No caso de Pompeo nos parece que se manteve em parte esta tradição seletiva¹¹, que continuou ainda por todo o dezenove, copiando o modelo dos compêndios franceses e da *Corografia Brasílica*, porém as fontes - ainda que de segunda mão - são citadas e as teses sobre muitos temas, discutidos sob a ótica de vários autores.
- 36 Por isso, é fácil analisar um compêndio de geografia dos dezenove considerando-o cópia, trabalho descritivo, *imaginação fantasiosa com fortes cores medievais*. Apesar de ser um pouco disso tudo que disseram, o compêndio de Pompeo não é apenas isto. Parece-nos que a questão fundamental é saber qual a importância para a formação de uma identidade nacional daquela geografia, que o IHGB e a Direção do Colégio Pedro II aprovaram, e da qual iam beber os poucos jovens da elite letrada deste país, por longos anos.
- 37 Um manual escolar com funções bem definidas, o *Compendio...*, até o presente momento, só foi analisado pelo seu conteúdo explicitamente descritivo, pelo seu caráter disparatado e fantasioso, por ser uma continuação com *leves modificações* (ISLER, 1973; ROCHA, 1996) da *Corografia Brasílica* de Aires de Casal, na sua parte referente ao Império do Brasil.
- 38 Os críticos da obra de Pompeo parecem ter esquecido alguns detalhes de importância significativa. Inicialmente, o *Compendio...* não foi escrito para fazer nenhuma revolução epistemológica; seu papel era, desde o início, muito claro, servir à mocidade cearense e depois à juventude brasileira que freqüentava a escola. Segundo, quem freqüentava os bancos escolares eram homens, brancos, livres e que possuíam bens, portanto, a elite que iria fazer parte *daquela ilha de letrados no meio do imenso mar de analfabetos*. Terceiro, se assim não o fosse, aquele manual didático não teria sido aprovado pela Direção do Colégio Pedro II e muito menos o seria pelo IHGB, que costumava ter pareceristas muito rígidos

para quem fugisse aos interesses daquele instituto, preocupado em construir a nação. (VLACH, 1988)

- 39 O “*compêndio didático mais difundido no Império Brasileiro*” (ISLER, 1973, 42) deve ter tido uma certa importância, que não era meramente científica, mas parece-nos tinha um forte viés político. A Geografia que as elites deveriam aprender, e foi a que aprenderam ou memorizaram, durante muitas décadas dos oitocentos, era aquela que, colada aos currículos, formava aquela pleiade de *homens bons* que, em último caso, em um país de *negros escravos, mestiços sem posses e índios selvagens*, eram os únicos brasileiros que dos lados de cá efetivamente havia. “*Por que a cultura cívica era tão circunscrita, tão fechada? Porque no Império a democracia era a democracia dos senhores*” (FERNANDES, 1987:17). Posto que “*a nação eram eles. Aquele pequeno nós coletivo, que era o mesmo praticamente de Norte a Sul.*” (FERNANDES, 1987:18).
- 40 Uma breve comparação entre os currículos de geografia do império e o índice do *Compendio ...*, deixa claro que eram as duas faces daquela mesma escola de inspiração francesa, que tinha por princípio criar uma idéia acerca da nação e *pari passu*, disseminá-la entre os cidadãos.
- 41 Bem, se no Brasil eram poucos os cidadãos, como aquela Geografia que as elites formularam, chegou aos ouvidos dos demais catequisados que não eram sequer brasileiros? Há que se pensar em outras vias de transmissão do *conhecimento* entre os muitos que permaneciam analfabetos; de como pensaram ou foram forçados a pensar aquele imenso império destinado a ser o centro do mundo civilizado.
- Segundo as estatísticas citadas por Lourenço Filho a situação do ensino, ao fim do Império, era a seguinte: as escolas primárias, em número de 15561, reuniam, em 1878, 175 mil alunos. No município da Corte havia 211 escolas (das quais 95 públicas e 116 particulares) com 12 mil alunos. Se a população do Município Neutro era calculada em cerca de 400 mil habitantes (dos quais 70 mil escravos), os alunos constituíam apenas 5% da população livre. Em todo o país contava-se cerca de nove milhões de habitantes da população livre - logo, os alunos representavam apenas 2% da população. Aliás, o recenseamento de 1870 registrava um índice de analfabetos de 78% nos grupos de população, nas idades de 15 anos e mais.* (WEREBE, 1985:382)
- 42 Deste modo, a pergunta que se coloca para nós, por enquanto, não é saber se o *Compendio ...* era cópia ou não do modelo de Casal; se ainda estava apegado à Geografia como nomenclatura ou se, por ventura, já havia sofrido uma influência da modernização da ciência geográfica. A questão parece ser a de situar o manual didático dentro do currículo que as elites letradas haviam delineado e para o qual aquele livro escolar deveria estar adequado.
- 43 Comparando o índice do *Compendio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brasil*, com os currículos aprovados no Colégio Pedro II - currículos que serviriam de modelo para os demais Liceus do Império -, vemos que se complementam diante das necessidades que tinham.
- 44 Quando o *Compendio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brasil* é adotado no Colégio Pedro II, em decorrência de mudanças na legislação, isto é também uma cópia da França de Guizot e Falloux¹². É a tradição inventada¹³ o que faz Pompeu, porque a serviço do Estado é o que a *mocidade brasileira* precisa aprender.

Como conseqüência da legislação de 1854, seria baixado em 24 de janeiro de 1856 um novo decreto, com a finalidade de fixar programas e indicar os compêndios a serem adotados nos dois cursos em que naquele momento estavam divididos os estudos no Colégio (estudos da primeira classe e estudos da segunda classe). Euzebio

de Queiroz chegou mesmo a afirmar que os programas adotados pelo Colégio [Pedro II] haviam sido adaptados dos últimos programas prescritos para os liceus nacionais da França, tendo sido realizados apenas as necessárias modificações e alterações. (ROCHA, 1996:141)

Europa, França, Brasil

- 45 A civilização nos oitocentos, mesmo para a Europa era, antes de mais nada, a França, com seu idioma unificador, com suas instituições civilizadas, com suas luzes. Porque “Paris é, sem dúvida alguma, a capital do mundo, o centro civilizador por excelência, onde tudo é ruído, movimento e espetáculo.” (GOMES, 1996:56)
- 46 A elite imperial, sequiosa por transformar essa jovem nação em um Império civilizado, pretendeu fazer do Brasil uma Europa mais ao sul, *afrancesando-a*, posto que, segundo os vaticínios de Milliet de Saint-Adolphe, em seu *Dicionário geográfico, histórico e descritivo do Império do Brasil* de 1845, “..., este vasto continente, ..., parece que havia sido predestinado pela Providência para ser o centro das transações comerciais de todo o mundo civilizado ” (SAINT-ADOLPHE apud MATTOS, 1993:9).
- 47 Se esta *predestinação geográfica* para a civilização não podia ser desconsiderada, era necessário um pouco mais, para metamorfosear este vasto território em uma “nação civilizada europeia nos trópicos” (OLIVEIRA, 1990:52), posto que aqui, além da *canícula terreal e dos muitos espaços vazios*, havia a *mistura das raças e a ignorância dos povos*.
- 48 A escola, para os poucos que nela puderam ingressar, foi a possibilidade de criar uma elite extremamente ciosa de sua condição europeia, branca, ilustrada. Habituada a vestir-se no calor tropical como se estivesse no mais rigoroso inverno e a estudar muito mais os alpes franceses que o solo brasileiro.
- 49 Somente ainda não éramos, mas seríamos, sabe-se quando, civilizados.
- 50 Este fenômeno se fez perceber em nossa *filosofia oficial* durante os quase três quartos iniciais do século XIX, o espiritualismo eclético cousiano, que só haveria de ser suplantado pelo positivismo, essa filosofia que fizera surgir aquele *bando de idéias novas* dos anos setenta dos oitocentos. Assim, por dentro da estrutura da igreja e seus seminários, formou-se toda uma plêiade de homens que cria profundamente nos postulados filosóficos de Victor Cousin.
- É do século XIX, porém, que data, no Brasil, uma atividade filosófica permanente e sistemática e em que novas influências da França se fazem sentir. O primeiro representante delas foi Frei Francisco de Mont’Alverne (1784-1858), afamado pregador. No Compendio de Filosofia do frade (que é aliás, a sua única obra no gênero, composta por volta de 1833 e impressa somente em 1859, após sua morte), encontramos o eco da filosofia dos ecléticos, sobretudo das idéias de Victor Cousin. (COSTA, 1987:325).
- 51 E além de Mont’Alverne muitos foram seguidores do ecletismo como paradigma filosófico, quase todos saídos do âmago dos dogmas católicos do espiritualismo, formados que haviam sido para o enciclopedismo ilustrado. Dentre eles Gonçalves de Magalhães, Eduardo Ferreira França, José Maria de Moraes Vale e Antonio Pedro de Figueiredo, este último apelidado, à sua época, de *Cousin Fusco*. Todos eles, por dentro dos seminários ou ainda por intermédio de instituições de ensino secundário como o Colégio Pedro II e Ginásio Pernambucano, participaram de modo efetivo na formação de muitos dos homens letrados da elite nacional do Império. Daí, porque seguindo um “*estilo Luis Felipe*” (COSTA,

1987:327), produto da retomada conservadora francesa, “o ecletismo na sua ambigüidade, apresentava uma solução para a classe que detinha o poder, para os ideais de nossa *achinelada aristocracia*” (COSTA, 1987:327), ou seja, manter tudo aquilo que, a todo instante, ela parecia estar a mudar.

- 52 Francês, portanto, era o modo de pensar das elites imperiais. Franceses seus vocábulos para muito do que se queria dizer. Francesas suas instituições intelectuais, a exemplo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e dos Liceus, da disciplina urbana imposta pelas ruas largas em sua disposição quadriculada. Ainda que inglesas suas máquinas e suas dívidas. Franceses os currículos, as normas escolares, a maioria dos livros. Francesa, vejam só, também era a Geografia que se deveria aprender.

É francês o programa, são franceses os textos e compêndios de quase todas as matérias, inclusive o Manuel de Baccalauret e o Atlas Delamanche, em uso nos liceus parisienses em total desacordo com situações elementares da vida brasileira. (CHIZZOTTI apud ROCHA, 1996:140)

- 53 Os estudiosos que se debruçam sobre o ensino no Império, são unânimes em afirmar o caráter francês de nossas instituições de ensino, com seu humanismo ilustrado, voltado para uma compreensão enciclopédica de mundo. Dentre eles poderíamos citar alguns como HAIDAR (1972), ROCHA (1996), MOACYR (1937). Nas palavras de um desses estudiosos “*foi preciso buscar no estrangeiro a experiência que nos faltava; a atração irresistível que então exerciciam sobre nós as idéias, as instituições e os costumes franceses, impôs-no o modelo francês.*” (HAIDAR, 1972:99)

- 54 Esta idéia aparece com todas as letras no *Compendio...*, quando se trata de demonstrar a importância do modelo francês.

Importancia e civilização - A França occupa hoje o primeiro lugar entre as grandes potencias de primeira ordem. O que lhe dá essa alta importancia é, geographicamente fallando, sua feliz posição no centro do continente, a homogeneidade de seu povo: politicamente a sua historia, que a apresenta como primeiro povo guerreiro e civilizado do mundo, sua alta civilização, sua industria, o seu character, governo, suas leis e instituições. A França marcha á frente da civilização do mundo, que ella domina pelo seu genio, pela litteratura e sciencia de seus sabios eminentes em todos os ramos de conhecimentos humanos. Uma universidade com 17 academias departamentaes, compostas de 30 faculdades de theologia, direito, medicina, mathematicas e bellas-artes, como immensos outros estabelecimentos litterarios diffundem a instrucção por todas as classes. (BRASIL, 1869:187)

- 55 E é claro, exemplo do que deveria ser a educação secundária para os poucos que iam à época do Império, foi criado em 1838, à moda francesa, o Colégio [de] Pedro II, em homenagem ao futuro ilustrado monarca. A intenção dos dirigentes imperiais naquele momento, em que se trasladava *para os trópicos o estudo dos alpes setentrionais*, era a idéia de um sistema nacional de ensino, que tinha por finalidade conseguir o mesmo que fora conseguido pela França.

A unidade nacional, que o interesse crescente pelos meios de comunicação prometia fortalecer, exigia também, na opinião de muitos, a uniformização do ensino em todo país. Nas Cartas ao Amigo Ausente, expressivos retratos da euforia progressista da década de [18]50, testemunhava Paranhos: ‘Todos reconhecem que a instrução carece de centro e carece de unidade para que possa, como convém, tomar caráter de uma instituição nacional. É a instrução comum, a identidade de hábitos intelectuais e morais que se adquire nas escolas que, no parecer do ilustrado Sr. Cousin, constituem a unidade e a nacionalidade’. (HAIDAR, 1972:27)

- 56 A Pompeu cabia, ao que nos parece, escrever um Compêndio à moda dos manuais franceses, que lido pelos brancos de um país majoritariamente não branco, tinha por finalidade formar alguns poucos senhores para falar a todos o que se conceberia, às custas do exercício do favor ou da chibata, em verdade na boca das elites e daquele *povinho mais ou menos miúdo* que habitava este imenso e verde país.
- 57 Posto desta forma, é no mínimo exemplar a primeira citação que se encontra no *Compendio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brasil*, e que abrindo o manual demonstra a concepção em que se embasara o autor.
- Dai-me a carta de um paiz, sua configuração, seu clima, suas agoas, seus ventos e toda sua geographia physica; informai-me de suas producções naturaes, de sua flora, de sua zoologia, etc., e eu, me comprometo a dizer-vos a priori qual será o homem desse paiz e que lugar gozará na historia; não accidental, mas necessariamente; não em tal época, mas em todas; enfim a idéa que este paiz é chamado a representar. (COUSIN, Cours de Philosophie Apud BRASIL, epígrafe do Compendio)
- 58 Se a idéia era criar por intermédio do ensino a unidade da nação, por que as elites afastaram da escola a expressiva maioria dos habitantes deste vasto território, que era, em muitos lugares, vazio? Pois bem, centro da polêmica que ROCHA (1996) estabelece com VLACH (1988), esta questão deixa evidente uma importante e fulcral contradição.
- 59 A contradição, no caso, diz respeito ao acesso à escola no Brasil, que ainda nos dias atuais é difícilima às *classes-que-vivem-do-trabalho* (ANTUNES, 1991). Ora, se a maioria não chegava aos bancos escolares no império, como poderia ser a escola a responsável pela criação desta pretendida unidade nacional, por intermédio da difusão de uma ideologia patriótica (VLACH, 1988)? Era preciso que a maioria não soubesse ler, para que uma minoria, que a quase tudo controlava, dissesse, porque foi à escola, o que era certo e errado, o que era ser brasileiro e quem não seria brasileiro de modo algum. A nosso ver a escola formou a elite que deveria ensinar aos demais o que os demais deveriam poder aprender.
- 60 É claro que, dentro dessa estrutura que forjava uma identidade pela exclusão (FRANCO, 1979), pouquíssimos agregados talentosos - os “primos pobres” da elite senhorial -, podiam ainda ascender. Todavia aos escravos restava apenas o efetivo uso da força, posto que, a violência, sempre foi a mediação social que esteve no cerne das próprias relações escravistas de trabalho¹⁴.
- 61 Logo, a escola foi fundamental para a divulgação dessa ideologia patriótica da unidade nacional, porém insuficiente, posto que a nosso ver, foram necessárias outras instituições e práticas sociais, a maioria delas baseada no mandarinato dos senhores de terra, no ofício dos padres e no controle estatal feito pelos bacharéis. Quando tudo isto falhava, então funcionava a Guarda Nacional criada à *moda francesa*, que enfim, conseguia estabelecer seu *pacífico consenso*.

Entre o real e a representação: a idéia de nação

- 62 Os estudiosos da *História do Pensamento Geográfico*, são unânimes em afirmar que a geografia escolar é anterior a institucionalização da Geografia Moderna. Dentre eles poderíamos citar CAPEL (1977); ESCOLAR (1996); PALACIOS (1992); LACOSTE (1985). A esta afirmação, segue-se uma outra, que vincula a geografia escolar ao sistema nacional de ensino, que teria como finalidade precípua a criação de uma ideologia patriótica.

- 63 Partindo desse pressuposto, de que a geografia escolar precedeu à geografia acadêmica e aos geógrafos, poder-se-ia até mesmo dizer, que em sua acepção moderna houve antes professores de geografia e só depois destes é que apareceram os geógrafos. E mais até, que sua institucionalização enquanto ciência ocorreu por dentro da escola secundária.

..La geografía tuvo el privilegio de ser una de las ciencias favorecidas por la fuerte demanda de profesores que generó el movimiento de escolarización antes señalado. Para formar esos profesores la geografía se institucionalizó en la universidad. Y así nació la comunidad científica de los geógrafos, para enseñar geografía a los que habían de enseñar geografía. (CAPEL, 1977:20)

- 64 Todavia, o que faria uma disciplina, que sequer houvera ainda se institucionalizado, aparecer como componente de praticamente todos os currículos surgidos com o advento dos modernos sistemas nacionais de ensino? Ou pensando de outro modo, o que faria essa disciplina de tardia institucionalização, aparecer colada ao fenômeno da escola pública que tinha, por desiderativo, *educar a todos para o bem comum*? E ainda mais, porque exatamente a geografia, se havia uma série de outras disciplinas sociais de maior tradição e reconhecimento acadêmico?

Las razones por las que la geografía siguió figurando en los programas, a pesar de la directa amenaza de otras ciencias que no consiguieron introducirse en la enseñanza básica (piénsese en la fisiografía o la ecología, y en las ciencias sociales como la economía o, más tarde, la sociología, ciencias todas de fuerte desarrollo y gran prestigio) constituyen en realidad una cuestión a resolver.

Entre estas razones que explican el triunfo de la geografía sobre las disciplinas rivales se encuentra, sin duda, una de gran importancia: la función asignada a la geografía en la conformación del sentimiento de nacionalidad. (CAPEL, 1977:18)

- 65 Então, ao que parece, o papel da geografia surgida com os sistemas nacionais de ensino, era o de consolidar um modelo próprio da modernidade: o Estado-Nação. E o Estado-nação conformou-se a partir de um “pré-requisito necessário para a conformação material de qualquer Estado-Nação moderno [que] corresponde exatamente à apropriação exclusiva de um território onde montar, *a posteriori*, o processo de integração social ...” (ESCOLAR, 1996:103)

- 66 Em outras palavras, antes que houvesse aquela comunidade que iria se assumir como pertencente a um dado território, era necessário que existisse um território, sendo que o cimento dessa base material territorializada era essa comunidade identificada com o Estado-Nação.

Nos dias de Mazzini, pouco importava para os italianos se o Risorgimento tinha existido, de modo que, como Massimo d'Azeglio admitiu em sua famosa frase, ‘Nós fizemos a Itália, agora temos que fazer italianos’. Não importava nem mesmo para aqueles que, preocupados com a ‘questão polonesa’, sabiam provavelmente que os camponeses polacos (para não citar o terço da população do antigo Rzescpopolita pré-1722 que falava outros idiomas) não se sentiam ainda como poloneses nacionalistas, como reconheceu o libertador da Polônia, coronel Pilsudski, em sua frase, ‘É o Estado que faz a nação e não a nação que faz o Estado. (HOBSBAWM, 1991: 56)

- 67 Afirmar aqui que a geografia incluída nos currículos dos sistemas nacionais de ensino, impressa nos manuais didáticos oficiais, teve papel preponderante na criação deste forte sentimento de pertencimento territorial, é o mesmo que repetir o que dezenas de estudiosos no assunto já disseram, guardadas as características peculiares da conformação material (territorial) e ideológica (sentimento de pertencimento) de cada Estado-nação.

- 68 Agora se enveredássemos por outro viés, quiçá pudessemos pensar que o modelo Estatal-nacional, era fundamental, principalmente, àqueles que o criaram, que o disseminaram, que dele se utilizaram para mundializar relações, em que, o exercício da alteridade nacional, era fundamental às relações desiguais e combinadas do capitalismo.

Primeiramente a estruturação capitalista tem lugar em padrões nacionais territorialmente precisos e isso tende a constituir um mundo nacionalizado, isto é, formado por unidades Nacional-estatais soberanas, sobre as quais se produzem, e com base nas quais se ordenam as relações de dominação político-econômicas burguesas internacionais e intranacionais. (ESCOLAR, 1996:109)

- 69 Por essa senda, seria possível analisar o caso da geografia escolar brasileira dos oitocentos com outro olhar, para além da discussão interna, referente à formação ou não de uma ideologia patriótica por intermédio do falho sistema nacional de ensino do Império. Ou seja, qual a importância, nesta estrutura mundial nacionalizada, de uma forte consciência nacional que abarcasse todas as classes e gentes num país de capitalismo dependente e tardio como o Brasil? E à elite nacional, sócia-minoritária desse sistema mundializado, qual a importância de educar os homens livres pobres, bem como os escravos, para o exercício do pertencimento territorial?

os brasileiros responsáveis pelo destino do Império não deveriam ser confundidos com os escravos, que não eram cidadãos. E muito menos com aqueles outros homens que, embora livres, não eram proprietários de escravos, porque os mesmos ainda que fossem cidadãos não eram cidadãos ativos. (GONÇALVES e MATTOS,1991:16)

- 70 No caso do Brasil, antiga colônia portuguesa, país de capitalismo tardio, parece-nos que era preciso soldar o território indispensável às barganhas feitas pela elite nacional em âmbito mundial e, *pari passu*, manter o pequeno círculo dessa elite cidadã, brasileira e nacionalista, logo excludente, dentro do mesmo processo que a fazia parte do mundo, desejosa de civilização, francesa nos trópicos, *uma ilha de letrados em meio ao mar de analfabetos*.

- 71 Em outras palavras, se houvesse mais brasileiros do que havia, seria preciso, mesmo que ainda de modo muito desigual, dividir o que para as elites desse país sempre foi atômico, indivisível, mesmo com os modernos progressos da física quântica. Seria preciso durante o Império, romper, dentro do mundo, o papel que cabia a esta jovem nação do futuro no teatro do capitalismo mundial: a monocultura de exportação baseada no trabalho escravo e no latifúndio. Posto que

O mesmo movimento que gerava a desintegração do Antigo Sistema Colonial alterava as posições hierárquicas no sistema mundial de Estados, com a instalação da hegemonia da Inglaterra, a emergência dos Estados Unidos e os sucessivos redesenhos do mapa da Europa continental - a construção do Império Napoleônico e sua posterior desagregação. A forma como as nações latino-americanas iriam inserir-se ao novo contexto mundial estaria balizada no plano internacional em várias dimensões. No plano econômico, marcado pela hegemonia do industrialismo inglês, a extinção dos monopólios coloniais implicaria na pressão pela adoção do livre-cambismo e em um novo tipo de inserção das economias latino-americanas na divisão internacional do trabalho: como exportadoras de matérias-primas e alimentos. O novo padrão tinha sobre o processo de construção do Estado um efeito paradoxal: reiterar a heteronomia econômica que mantinha essas economias como tributárias de centro capitalista passava a ser uma condição de sua soberania política, ou seja, a viabilidade dos novos Estados estava intimamente ligada à existência de produtos exportáveis que os mantivessem no fluxo do sistema econômico mundial e que possibilitasse às elites dos novos Estados se sobreporem

às pulsões centrífugas de uma base social rarefeita e não integrada economicamente em nível nacional. (COSTA, 1996:151-2)

- 72 A *nação*, para a qual Pompeu escreveu o seu *Compêndio*, era aquele pequenino círculo que podia votar porque tinha renda, ou seja, os cidadãos ativos, e a geografia neste caso seria indispensável, por dentro da escola, para criar uma série de representações, as *ideologias geográficas*. Porque

As ideologias geográficas alimentam tanto as concepções que regem as políticas territoriais dos Estados, quanto à autoconsciência que os diferentes grupos sociais constroem a respeito do seu espaço e da sua relação com ele. São a substância das representações coletivas acerca dos lugares, que impulsionam sua transformação ou o acomodamento nele. (MORAES, 1991:44)

- 73 E dentre as *ideologias geográficas* criadas pelos intelectuais da elite, poderíamos citar: 1) o forte sentimento de unidade territorial que justificou muitas das ações centralizadoras do Estado Imperial e sua violência *pacificadora*; 2) A grandiosidade territorial do espaço geográfico brasileiro, de onde derivaria aquela idéia de potência, calcada em uma perspectiva expansionista a nível de América do Sul; 3) O privilégio *ontológico* de sua localização, que situava, no *centro do mundo civilizado*, aquele Império cercado de república por todos os lados e 4) A idéia de um país em construção que, apesar de ainda não fazer parte dos países civilizados, um dia haveria de fazê-lo, posto ser ainda uma jovem *nação*, logo, de próspero futuro.
- 74 As duas dimensões do caráter Estatal brasileiro, quais sejam: a peculiaridade de sua construção interna, se comparado aos demais Estados latino-americanos; e a sua inserção em um mundo de paradigma Estatal-nacional, como ex-colônia. Estão colocadas ao longo do *Compendio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brasil*, uma das grandes contribuições do *geógrafo orgânico* que Pompeu soube ser, à sua época, para a sua classe, na elaboração dos signos da *nação*, já que em países como o Brasil “as representações espaciais forneceram um elemento de referência negado pela história, colocando a discussão geográfica no centro do debate ideológico.” (MORAES, 1991:166)

Por Dentro da Obra: hierarquias e ordem, a construção da *nação*

- 75 O *Compendio ...*, como pudemos ver, inscrevia-se dentro de uma tradição epistemológica que era o da mera descrição, enumeração dos fenômenos, repetição de modelos comuns à geografia clássica. Tanto é que

[o] ‘Compêndio de Geografia’, de que se tiraram cinco edições, foi objeto de elogios do Cardeal de Wiseman, de Londres, e outros sábios, sem embargo da observação de Pompeu Sobrinho de que, apesar de o ilustre geógrafo [Pompeu] já conhecer as principais obras de Humboldt, os seus trabalhos são moldados, segundo o sistema universalmente adotado (BARROSO, 1977:206)

- 76 Logo, a análise que fizemos da obra, procura considerar, fundamentalmente, a concepção que tinha o seu autor no concernente à *sciencia geographica* e o modo como trabalhou, sob os vários aspectos da formação do Estado-nação brasileiro, por nós considerados, as representações deste Estado-nação.
- 77 A começar pela discussão sobre *sciencia*, Pompeu dirá que
- A *Geographia* sendo a descrição da terra em geral, e de suas divisões políticas em particular, não é uma *sciencia* estacionária; porque todos os dias o horizonte dos

conhecimentos humanos se dilata, fazem-se novas descobertas; e novas conquistas vêm enriquecer o thesouro que a sciencia accumula de geração em geração.

Não só o mundo physico soffre alterações como quasi sempre as circumscripções politicas se modificão, ora por annexões, ora por separações, e conquistas. A sciencia tem pois a obrigação de acompanhar esse movimento, se quizer exprimir fielmente o estado actual do mundo, ou dos paizes que descreve. (BRASIL, Prefácio à Quinta Edição, 1869)

- 78 A Geografia seria então a ciência preocupada em descrever os aspectos físicos da terra e ao mesmo tempo abordaria a divisão política de modo particular. A descrição dos aspectos físicos subsidiaria a compreensão da divisão territorial dos Estados nacionais. O interessante nessa concepção *científica*, no entanto, diz respeito à visão de uma dinâmica natural, cultural e política de que há um *continuum* de transformações ocorrendo, que o mundo não está parado nem física, nem politicamente. *A sciencia tem pois a obrigação de acompanhar esse movimento,...* O espírito dessa idéia é fundamental a um país como o Brasil, ainda em processo de conformação de fronteiras que se movimentam para oeste, ainda sem identidade definida, ainda em construção.

A Geographia socorre-se de varias sciencias accessorias para preencher o seu fim; mas nem por tomar a Cosmogonia, a Astronomia, a Geologia, a Physica, a Historia natural, a Estatistica e a Economia Politica certos princípios geraes, deve invadir o dominio dessas sciencias; porque seria um abuso que desnaturaria o seu fim. (BRASIL, Prefácio, 1869)

- 79 As ciências acessórias revelam a necessidade de dar à ciência geográfica uma objetividade científica que, à época, repousava sobre as ciências ligadas diretamente à natureza da nova sociedade. É partindo dessa concepção que, na seção que trata das definições das ciências, assim será definida a *Geographia*:

Geographia que é a descrição da superficie da terra em suas diversas relações.

A terra pode ser considerada, ou como astro (planeta) em relação com os demais corpos celestes, ou como um corpo physico, e seres physicos que a povoão: ou como um corpo politico ou moral em relação a sociedade civil, isto é, o genero humano.

D'aqui vem dividir-se a Geographia em matemática, Physica e Politica. (BRASIL, 1869:5)

- 80 Esta perspectiva é idêntica àquela adotada na Argentina para a mesma finalidade de criar, por intermédio da escola, uma nação soldada sobre um território, delimitado a partir das fórmulas no campo da matemática e da física, bases da nova linguagem *científica* moderna.

La inclusión de la Geografía representaba, efectivamente, um sintoma de modernidad dentro de un contexto donde todavia dominaba la cultura eclesiástica en los ámbitos universitários del Rio de la Plata; pero ¿En qué consistía este carácter 'moderno'? No es ésta, evidentemente, la Geografía que pretende un estudio comprensivo de las relaciones existentes entre el hombre y su medio natural. En sus aspectos complementarios, no pretendia ir más allá de la clásica revisión enciclopédica sobre la diversidad de gentes, costumbres, paisajes y maravillas del mundo moderno. Su principal interés, sin embargo, derivaba de su participación como 'ramo de las matemáticas' en el desarrollo y práctica de las Ciencias Náuticas; en este sentido, se hallaba totalmente ligada con la aritmética, la geometría, la trigonometría, la cosmografía, la hidrografía, y también el dibujo y la mecánica, y en cambio se encontraba todavia bastante alejada de la etnografía, le economía y la política. (PALACIOS, 1992: 76-7)

- 81 A ordenação dos assuntos no *Compêndio* é muito clara quanto as suas pretensões. A partir do cosmos, da ordenação do mundo, de uma cosmovisão baseada na física newtoniana e

na lógica formal matemática, temos o universo como uma criação que funciona de modo mecânico, perfeito e divino. Logo, profundamente hierarquizado.

- 82 É importante não esquecer a idéia de um Deus criador de tudo, mantenedor de uma certa ordem e ao mesmo tempo presente nos processos que regem o mundo. É assim que veremos, na primeira parte da obra, uma preleção dos conhecimentos *accessórios*, que são essenciais à compreensão da máquina. É como se tivéssemos diversas engrenagens teóricas da realidade, esta também um conjunto de peças acionadas para um mesmo fim, ou seja, cumpriria ver nas *sciencias accessorias* a justificativa natural para a natureza de um mundo baseado em leis mecânicas. Analisando as concepções acerca do sistema solar, Pompeu faz o seguinte comentário sobre o modelo apresentado por Descartes:

Systema de Descartes - Este philosopho, nascido em 1596, tentou explicar os movimentos dos corpos celestes, considerando-os como collocados no centro de turbilhões de uma materia subtil. Os turbilhões dos planetas arrastão os satellites, e o turbilhão do sol por sua vez arrasta os planetas com seus turbilhões e seus satellites. Se o systema de Descartes foi regeitado pelas dificuldades numerosas que apresenta, ao menos deve-se agradecer a seu illustre autor ter pela primeira vêz feito applicação das leis mecanicas ao movimento dos corpos celestes. (BRASIL, 1869:26-7)

- 83 A intenção da explicação desses fenômenos seria a de fazer crer que todas as coisas no mundo tinham uma mesma origem, já que “o sistema cartesiano foi o primeiro grande modelo de ruptura. A natureza passa a ser um sistema racional de leis matemáticas estabelecidas por um Deus racional” (GOMES, 1996:71) . Em outras palavras, a existência de países, fronteiras, Estados nacionais, se justificaria pela ordem cósmica, se tudo funcionava como o universo em sua acepção mecânica, por que não funcionaria o planeta Terra do mesmo modo?
- 84 A partir do geral, *de modo objetivo*, com *sciencia* reconhecidamente aceita como tal, se desenha o Universo; dentro dele, a Terra; nela, os continentes; nos continentes, os países; dentre os países, o Brasil; no interior do Brasil, suas províncias.

- 85 Assim se divide o *Compendio* em três partes:

A primeira contém 18 capítulos, e trata das noções geraes, que a Geographia pede ás *sciencias accessorias*.

Esta parte é dos Principios Geraes.

A segunda que é descriptiva, divide-se em cinco grandes secções correspondentes ás cinco grandes partes do mundo. Cada secção subdivide-se em Geographia geral, e particular.

A Geographia geral compõe-se de dous capitulos; um que descreve a parte physica, e outro a politica em cada uma das secções. Estes capitulos se subdividem em tantos artigos quanto os objetos nelles classificados, como posição, dimensão, limites, etc.

A Geographia particular consta de tantos capitulos, quanto são os paizes, que descreve, e estes capitulos de tantos artigos, quanto os objetos de que trata.

A terceira parte é destinada á Geographia especial e do Brasil, que comquanto devesse ser incluído na ordem em que se escrevem os outros paizes da America, comtudo como nesta parte nos afastamos das proporções do compendio para maior desenvolvimento, preferimos trata-la em separada formando uma parte distincta por sua extensão. (BRASIL, Prefácio - vj-vij, 1869)

- 86 A arrumação dos conteúdos nesta ordem revela uma ordenação lógica, baseada em uma cosmovisão que dá aos Estados nacionais caracteres individualizantes. Dentre estes caracteres, o território, o solo natal, se coloca como fundamento de nossa gênese e *telos*. “Assim, entre os acidentes geográficos da superfície da Terra, destacam-se as fronteiras, e

estas qualificam povos, cujo caráter vai sendo moldado num ininterrupto intercâmbio com seus torrões natais.” (MORAES, 1991, 167)

- 87 Poderíamos associar diversos critérios no processo de criação e consubstanciação das nações modernas, tais como: língua, etnia, religião, cultura, dentre outros, mas não poderíamos deixar de caracterizar o Estado nacional moderno, como um Estado baseado na existência de um território delimitado e uma nação criada *à sua imagem e semelhança* a partir “[do] discurso geográfico [que] foi, sem dúvida, um elemento central na consolidação do sentimento de pátria. Pode-se mesmo dizer que esse seria o principal núcleo divulgador da idéia de identidade pelo espaço.” (MORAES, 1991:166).
- 88 Ao longo das páginas o desenho que se esboçará tem como intuito propor uma nação baseada na civilização européia. O modelo, dentre os países europeus, mais exemplar, será, como já vimos, a França.
- 89 O modelo de civilização atende a alguns requisitos fundamentais: 1) Religião, que estipula uma série de normas éticas e morais, deve ser cristã e de preferência católica; 2) A língua deve oficialmente ser apenas uma e polida; 3) As condições materiais devem ser *cientificamente* aproveitadas pelo bom labor, idéia de que a sociedade é tanto mais civilizada quanto possa se disciplinar para o trabalho; 4) O conjunto de normas e leis que regem a nação, por intermédio do Estado, tem por finalidade ordenar o trato civilizado entre os habitantes de um país, sendo a escola e a instrução um dos principais meios de tornar civilizados os habitantes de um país.

Estado ou Paiz (que politicamente é o mesmo). - É uma grande extensão de terra ocupada por uma nação, dividida em várias regiões, que se distinguem por alguma circunstancia physica, historica ou politica.

Nação - Quanto a seu estudo moral pode ser:

Selvagem - A que ignora a arte de escrever, não tem policia, professa uma religião absurda, cultiva principalmente os exercícios do corpo, isto é, a pesca, caça, pastoria, etc, e só pugna pela liberdade natural, como os povos d’Africa Central, da Oceania; ou os indígenas da America.

Barbara - A que sabe a arte de escrever, tem policia, magistrados, alianças e comercios com as nações civilizadas; mas não tem sua lingua polida, nem sua legislação bem ordenada; não cultiva as sciencias e a artes liberais, e é amiga da guerra, taes são algumas nações Asiáticas e quasi todas as Africanas.

Civilisada - A que tem a lingua polida, sua legislação bem concebida e ordenada; seu governo activo e previdente; sua policia ilustrada e vigilante, sciencias e artes em estima, alianças reguladas por uma politica illustrada: taes são as nações da Europa e da America civilisada. (BRASIL, 1869:80-81)

- 90 E como Pompeu tratou a Monarquia, que no discurso das elites imperiais era fundamental à manutenção da unidade territorial? Liberal brasileiro que era, denominou-a de *Governo Mixto*, que segundo sua acepção se caracteriza “...quando as partes potenciaes do summo poder se achão repartidas por diferentes sujeitos physicos, ou moraes, de maneira que nelas se combinão as formas primitivas, por exemplo, o governo do Brasil, e de quasi todas as nações civilisadas.” (BRASIL, 1869:83).
- 91 As concepções que fluem *Compêndio* adentro, como se a obra fosse um caudaloso rio de idéias da época, demonstram a argúcia de um projeto que tinha, como linha mestra, a construção de um Estado forte e centralizado. Um Estado que fosse capaz de intervir em todas as esferas do fazer social, determinando regras as mais diversas, dando homogeneidade ideológica a nação, fazendo com que o País se encaminhasse rumo à civilidade.

- 92 O *Compêndio de Geografia Geral e Especial do Brasil*, é uma obra que revela o modo como a nação foi pensada. Enquanto homem de uma elite, a seu tempo e com o instrumental geográfico, Pompeu escreveu com suas mãos o que a classe de que fazia parte pensava. Podemos resumir o enorme livro didático dizendo que ele é a fotografia de como o Estado brasileiro - nos olhos iluminados dos bons senhores - pensava em constituir a nação com a cara da Europa, mas especificamente com rosto francês .
- 93 Consolidando a idéia de construção, a fábula bem contada de que esta jovem nação um dia seria *civilizada*.
O Brasil ainda é novo para a civilização, mas não atrasado pelo que respeita aos talentos e meios de adquirir instrução.”(BRASIL, 1869:473)

BIBLIOGRAPHY

- ALVAREZ, José Estébanez (1982). *Tendencias e Problemática Actual de La Geografía*. Madrid, Circel.
- ANTUNES, Ricardo. (1995). *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho*. São Paulo, Cortez, 3ª ed.
- BARROSO, José Parsifal (1977). “O Senador Pompeu – um cabeça chata autêntico, político, realista e anti-impostor” in *Revista do Ceará (RIHGC), Tomo XCI, ano XCI*. Fortaleza, pp. 189-210.
- CÂMARA, José Aurélio Saraiva (1960). *Correspondência do Senador Pompeu. Coleção História e Cultura do Instituto do Ceará, nº 3*. Fortaleza.
- CARVALHO, José Murilo de (1980). *A Construção da Ordem: a elite política imperial*. Rio de Janeiro, Campus.
- CAPEL, Horacio. *Geografía Humana y Ciencias Sociales: una perspectiva histórica*. 2ª ed., Barcelona: Montesinos, 1989.
- _____. (1983). *Filosofía y Ciencia en la Geografía Contemporánea*. Barcelona, Barcanova, 2ª ed.
- _____. (1977). *Institucionalización de la Geografía y Estrategias de la Comunidad Científica de los Geógrafos*. Barcelona, Barcanova.
- COSTA, João Cruz (1987). “O Pensamento Brasileiro Sob o Império” in HOLANDA, Sergio Buarque (org.). *História Geral da Civilização Brasileira. Tomo II – O Brasil Monárquico; 3ª vol.- Reações e Transações*. Rio de Janeiro, Bertrand, 6ª ed., pp. 323-342.
- _____. (1993). “As Idéias Novas” in HOLANDA, Sergio Buarque (org.). *História Geral da Civilização Brasileira. Tomo II – O Brasil Monárquico; 1ª vol. – O Processo Emancipatório*. Rio de Janeiro, Bertrand, 1993.
- COSTA, Wilma Peres (1996). “A Economia Mercantil Escravista Nacional e o Processo de Construção do Estado no Brasil (1808-1850).” in SZMRECSÁNYI, Tamás e LAPA, José Roberto do Amaral (orgs.). *História Econômica da Independência e do Império*. São Paulo, Hucitec/FAPESP, pp. 147-159.
- ESCOLAR, Marcelo (1996). *Crítica do Discurso Geográfico*. São Paulo, Hucitec.

- FERNANDES, Florestan (1987). "A formação política e o trabalho do professor" in FISCHMANN, Roseli (org.). *Universidade, Escola e Formação de Professores*. São Paulo, Brasiliense, 2ª ed.
- FRANCO, Maria Sylvania Carvalho (1983). *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo, Kairós, 3ª ed.
- GELLNER, Ernest (1993). *Nações e Nacionalismos*. Lisboa, Gradiva.
- GIRÃO, Raimundo (1977). *O Senador Pompeu: 1877-1977*. Fortaleza, Henriqueta Galeno.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa (1996). *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro, Bertrand.
- GRAMSCI, Antonio (1989). *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- HADIDAR, Maria de Lourdes Mariotto (1970). *O Ensino Secundário no Império Brasileiro*. São Paulo, Grijalbo.
- HOBBSAWM, Eric J. (1990). *Nações e Nacionalismos desde 1780*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- HOLANDA, Sergio Buarque (org.). (1987). *História Geral da Civilização Brasileira. II - O Brasil Monárquico: 3. Reações e Transações*. Rio de Janeiro, Bertrand, 6ª ed.
- ISLER, Bernardo (1973). *A Geografia e os Estudos Sociais*. Tese de Doutorado. Presidente Prudente, USP. (mimeo).
- LACOSTE, Yves (1988). *A Geografia - Isso Serve, Em Primeiro Lugar, Para Fazer a Guerra*. Campinas, Papirus, 1988.
- LINHARES, Maria Yedda (org.). (1990). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro, Campus, 5ª ed.
- MATTOS, Ilmar Rohloff (1990). *O Tempo Saquarema: a formação do Estado Imperial*. São Paulo, Hucitec.
- MERCADANTE, Paulo (1980). *A Consciência Conservadora no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 3ª ed.
- MERQUIOR, J. G. (1992). Padrões de Construção do Estado no Brasil e na Argentina In HALL, John (org). *Os Estados na História*. Rio de Janeiro, Imago, pp.386-421
- MOACYR, Primitivo (1938). *A Instrução e o Império: 1854-1889*. 3º Volume. São Paulo, Editora Nacional, 1938.
- _____ . (1939). *A Instrução e as Províncias: 1834-1889. (Das Amazonas a Alagoas)* 1º Volume. São Paulo, Editora Nacional.
- MORAES, A. C. Robert (1991). *Ideologias Geográficas*. 2ª ed., São Paulo, Hucitec.
- _____ . (1989). *A Gênese da Geografia Moderna*. São Paulo, Hucitec.
- _____ . (1991). "Notas sobre a identidade nacional e institucionalização da Geografia no Brasil" In *Estudos Históricos*, v. 4, n° 08. Rio de Janeiro, pp.166-176.
- MOTA, Carlos Guilherme (org). (1990). *Brasil em Perspectiva*. 19ª ed., Rio de Janeiro, Bertrand.
- ORTIZ, Renato (1985). *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo, Brasiliense.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi (1990). *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense.
- _____ . (1990). "Modernidade e Questão Nacional" In *Lua Nova*, n° 20, São Paulo, pp. 41-68
- PAIM, Antônio (1967). *História das Idéias Filosóficas no Brasil*. São Paulo, Grijalbo.

- PALACIOS, Silvina I. Quintero (1992). *Geografía y Educación Pública: en los orígenes del territorio y la nación (Argentina, 1863-1890)*. Tesis de Licenciatura en Geografía, Universidade de Buenos Aires.
- PEREIRA, Sérgio N. e ZUSMAN, Perla B. “Entre a Ciência e a Política: um olhar sobre a geografia de Delgado de Carvalho” (Mimeo, 27p)
- PRADO JUNIOR, Caio (1976). *História Econômica do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 37a ed.
- _____. (1980). *Evolução Política do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 12a ed.
- RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros (1995). *Os Símbolos do Poder*. Brasília, EDUnB.
- ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da (1996). *A Trajetória da Disciplina Geografia no Currículo Escolar Brasileiro (1837-1942)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC.
- RODRIGUES, José Honório (1959). *Índice Anotado da Revista do Instituto do Ceará (Do I Tomo ao LXVIII)*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará.
- SCHWARCZ, Roberto (1992). *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo, Duas Cidades.
- _____. (1987). *Que Horas São?* São Paulo, Companhia das Letras.
- SCHWARCZ, Lilian Moritz (1993). *O Espetáculo das Raças*. São Paulo, Companhia das Letras.
- TAKEYA, Denise Monteiro (1995). *Europa, França, Ceará: origens do capital estrangeiro no Brasil*. São Paulo/Natal, Hucitec/UFRN.
- _____. (1996). “O capital mercantil estrangeiro no Brasil do século XIX: a atuação da Casa Boris Frères no Ceará.” In SZMRECSÁNYI, Tamás e LAPA, José Roberto do Amaral (orgs). *História Econômica da Independência e do Império*. São Paulo, Hucitec/Fapesp, pp.197-233.
- TATHAM, George (1959). “A Geografia no Século Dezenove”. In: Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, n° 150, pp.198-226
- VERDENAL, René (1983). “O Espiritualismo Francês: de Maine de Biran a Hamelin.” In CHÂTELET, François et alii. *História da Filosofia, Idéias, Doutrinas. A Filosofia do Mundo Científico e Industrial: 1860 a 1940*. Rio de Janeiro, Zahar, pp.35-60, 2a ed.
- VLACH, Vânia Rúbia Farias (1988). *A Propósito do Ensino de Geografia: em questão o nacionalismo patriótico*. São Paulo, Dissertação de Mestrado/USP.
- WEREBE, Maria José Garcia (1985). “A Educação.” In: HOLANDA, Sergio Buarque. (org) *História Geral da Civilização Brasileira: IV - Declínio e Queda do Império*. São Paulo, DIFEL, pp.366-383, 4a ed.

Obras Raras

- BALBI, Adriano (1838). *Tratado de Geographia Universal, Physica, Historica, Politica*. Paris, Aillaud, Mollon e Cia, (2t).
- BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa (1851). *Elementos de Geographia*. Fortaleza, Typographia de Paiva e Companhia.
- _____. (1856). *Compendio de Geographia*. Fortaleza, Typographia de Paiva e Companhia, 2ª ed.
- _____. (1859). *Compendio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brasil*. Rio de Janeiro, Brandão e Irmãos, 3ª ed.
- _____. (1864). *Compendio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brasil*. Rio de Janeiro, Laemmert, 4ª ed.

—————. (1869). *Compendio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brasil*. Rio de Janeiro, Laemmert, 5ª ed.

HUMBOLDT, A. (1950). *Quadros da Natureza*. Prefácio de Raja Gabaglia. Clássicos Jakson. 1º V. São Paulo, Jakson Inc.

STUDART, Guilherme (1915). *Diccionario Bio-biographico Cearense*. Vol 3. Fortaleza, Typographya Minerva.

NOTES

1. O IHGB, bem como IAGP (Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco) e IHGSP (Instituto Histórico e Geographico de São Paulo), são analisados por Lilian Moritz Schwarcz, que fala sobre seus aparecimentos, os sócios que os compunham, os seus projetos de caráter eminentemente regional, as revistas e tendências dos artigos nelas publicados. Ver: (SCHWARCS, 1993:99-140)
2. “..., no 4º ano do curso especial, ao lado do curso de história e geografia do Brasil baseado na *História do Brasil* de Abreu Lima e no *Compendio de Geografia* de Pompeo, deveriam os alunos cumprir a segunda parte de um vastíssimo programa de História Moderna, utilizando o *Manuel du Baccalaureat* e o *Atlas de Delamarche* adotados nos Liceus de Paris.” (HAIDAR, 1972:116-117)
3. Grifo Nosso.
4. Geografia Astronômica, Física e Política, existem enquanto terminologias já desde o século XVII, segundo CAPEL (1989). Logo, o termo Geografia Política, não é utilizado inicialmente por Ratzel em seu famoso livro de 1897 - *Geografia Política: uma Geografia do Estado, do Comércio e da Guerra* -, o que exigiria um estudo no sentido de perceber as modificações de sentido que a mesma nomenclatura, Geografia Política, foi sofrendo no concernente às formas de abordagem e concepção.
5. A numeração das lições se repete para o caso de França, e Portugal e Hespanha, bem como se repete a numeração LX, LXV e LXIX, na parte referente à Brasil.
6. “Las Sociedades Geográficas son difíciles de definir por ser muy heterogéneas en carácter desde su fundación y por tomar rumbos muy diferente a lo largo de más de siglo y medio en que aparece la primera en París, en 1821. (...) La *Société Géographique de Paris* perduró hasta mediados del siglo XIX; que seguida por la de Berlín (1828) y por la Sociedad Geográfica de Londres (1830). Otras sociedades pioneras fueron la Mexicana (1833); la de Frankfurt (1836); do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (1838); la Sociedad Geográfica Rusa (1845) y la Sociedad Geográfica Nacional da America (1852).” (ALVAREZ, 1982:32)
7. Joaquim Manuel de Macedo foi responsável pelo necrologio de Pompeu, em Sessão solene do IHGB, em 1877, e costumava escrever-lhe para pedir “atas e gabriolas”, como se pode ver no trecho da carta endereçada a Pompeu em 17 de dezembro de 1862: “Previno-o de que perdi tôdas as sementes de Atas e Gabriolas que me fez o favor de mandar-me, não nasceu uma única e assim rogo-lhe que quando tiver ocasião torne a obsequiar-me com outras sementes das mesmas plantas e que não esqueça das sementes de carnaúba.” (CÂMARA, 1960: 73)
8. “A parte humana da *Corografia* é a mais ampla. (...). No terreno próprio da geografia humana traz-nos dados; mas sempre, segundo o seu método, esparsamente, sem concatenação. Os indígenas - refiro-me a eles aqui, embora o autor os coloque sempre entre os animais, nos parágrafos relativos à zoologia - são tratados com certa atenção. Procura enumerar suas nações, descreve alguns de seus hábitos, e chega mesmo, às vezes, a referir-se à sua linguagem, fornecendo pequenos vocabulários. Mas apesar disso não apresenta interesse; seus dados são visivelmente todos de segunda, quando não de terceira mão;...” (PRADO JR., 1980:170)

9. CAPEL, em seu trabalho sobre a “Institucionalización de la Geografía y Estrategias de la Comunidad Científica de los Geógrafos” , de 1977, aponta o italiano Adriano Balbi, juntamente com o francês Malte-Brun, como dois dos mais conhecidos geógrafos da época.

10. “O sucesso da Corografia no estrangeiro se manteria por muito tempo. É com certeza nela, ou em seus repetidores, que na parte relativa ao Brasil se inspiraram todos os compêndios de geografia geral publicados em grande número por esta época nos diferentes países da Europa.” (PRADO JR., 1980:176)

11. “..., acreditamos, pois, que os ‘caminhos e descaminhos’ percorridos pela geografia escolar brasileira bem demonstram como se dá o processo de seleção seletiva em nossas escolas. Ao longo da trajetória dessa disciplina, fica claro que oficialmente se legitimou uma geografia escolar dentre outras possíveis. Optou-se pelo ensino de um conhecimento geográfico ‘desinteressado’, distante da realidade, mnemônico,...” (ROCHA, 1996:34)

12. “O regulamento de 31 de janeiro de 1838 introduziu, a exemplo dos colégios franceses, os estudos simultâneos e seriados, organizados em um curso regular de 6 a 8 anos.” (HAIDAR, 1972:22)

13. “Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normar de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação do passado.” (HOBBSAWM e RANGER, 1984:09)

14. “Estamos diante de uma sociedade [escravista] onde a produção e apropriação do trabalho excedente não resultam inteiramente de condições econômicas no sentido estrito. Ao contrário do capitalismo, para o qual a coerção extra-econômica não exerce função estrutural e no qual a produção é regulada por mecanismos autodeterminados, aqui a extorsão do sobretrabalho é mais o resultado de relações de poder (o produtor direto é cativo de outro homem) do que de relações econômicas.” (FRAGOSO, 1990:135)

INDEX

Geographical index: Brasil, Ceará

Chronological index: 1818, 1877

AUTHOR

MANOEL FERNANDES DE SOUSA NETO

Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

poesiamano@uol.com.br